



TÉRCIO R. KNEIP

FOLHAS DE OURO
NAS CALÇADAS

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020



POR QUE DENUNCIARIA GLENN MILLER?

Subo na rede tendo nas mãos um livro de Fernando Sabino. Através dele descubro o nome do band-leader Artie Shaw. Levado por Sabino procuro na INTERNET do pequeno celular andróide o nome de Artie Shaw. Maravilha da espantosa tecnologia. Mal começo a sentir na praia a brisa e os acordes fantásticos, pronto, o som é interrompido. A máquina gira e empaca. De raiva pulo para a faixa do Glenn Miller. Ocorre a mesma coisa bem no meio de Moonlight Serenade. Olho com modos para tela do telefone e ela está disposta a me fazer escolher, tomar decisões. Pergunta à telinha prepotente se desejo compartilhar, salvar ou denunciar Glenn Miller. Por que denunciaria o Glen Miller? Não denunciaria nem o Henry Miller quanto mais o Glenn Miller. O que diriam os amigos caso o denunciasse com orquestra e tudo. Delito: excesso de swing.

As letras ameaçadoras em vermelho impelem uma ordem: “inscrever-me”.

Com os diabos! Estou olhando para o mar, invadido pelas sereias, desejando apenas ouvir uma canção para converter tédio solitário em bem-estar musical. Sinto vontade de ligar para emergência musical. – Olha aqui! Olha aqui! Tratem de colocar um único botão e rodar a música inteira. Certa voz adocicada me certificaria cautelarmente:

“A ligação está sendo gravada”.

Apronto as garras para dizer à voz cândida que não criarei provas contra mim mesmo. Para minha surpresa ela indaga se meu nome é Caçulinha, Taborda ou José. Compreendo. Aquela voz melíflua está arrumando cadastro enquanto está ao telefone. Talvez lixando as unhas.

Estou certo de que não vou denunciar o Glenn Miller. Nem o Tommy Dorsey ou qualquer outro gênio da música. Sigo até a sala tentando desabafar. Mamãe antes de ouvir vai exigindo que me desculpe. Esqueço o que ia lhe dizer. Na idade em que está poderia soltar até os pássaros do vizinho. Era o que devia fazer. Homem que atormenta os canarinhos aos berros no quintal, completamente embriagado!

Abelardo Bar“vo”sa! Viva Abelardo Barbosa!

Pipilo de raiva. Sinto saudade extrema do bom e pleno toca-discos. Procuro compreender esta estúpida mania nacional de ser moderno destruindo objetos bem sucedidos do passado. Os americanos nunca destroem o passado, eles aprimoram analogamente o progresso. Levanto e dou um pulo na casa do escritor Vlademir Lazo. Sei que vou tirá-lo do trabalho biográfico sobre um dos mais brilhantes jogadores de futebol que este país já possuiu. Procuro lembrar o nome de certa rádio de Nova Iorque. Ele abre a porta e diz: Rochester. Para provar que os americanos são bons vivendo em permanente manutenção da qualidade, ele interrompe a única biografia escrita no mundo sobre um herói esquecido do futebol brasileiro. Gênio da pelota como se dizia e conhecido por Cardeal. Procuramos no bar o perpétuo alívio das tensões, e, para zombar dos fatos, aleatoriamente, Vlademir Lazo liga seu celular do extremo sul brasileiro, direto na rádio de Nova Iorque. Está tocando Glenn Miller. Imagine se denuncio.

MAL DO SUCESSO

Sempre observei o quanto o carro (e a era das estradas) destruiu a ferrovia neste país. A televisão destituiu o rádio de sua maior importância. O CD destruiu o LP e a indústria fonográfica sucumbiu diante da era virtual. A dupla sertaneja domina e consome nossos ouvidos com voz trêmula e vazia vida de sucesso. Isto também se coaduna a sensação de coisa nova que sobrepõe àquela considerada velha, puída, acabada pelo tempo. Eis a ideia de que o novo será superior ao período envelhecido. Há maldade implícita nesta tirania, fealdade existencial que o mercado impõe e ressalta.

Para minha surpresa isto é ocorrência tupiniquim com base na grande mídia. Temos então a percepção de que a novidade é demolidora como “tsunami” pronto para suprimir a boa técnica em detrimento da simplicidade simplória. Demolir algo é necessário até que desapareça de cena, dando assim, entrada ao próximo vivo espetáculo.

Este atraso em considerações veiculadas se reflete também na política onde o atual dono do quadriênio insiste em exaltar a sua condição presidencial como ideologia maldosa com precedentes totalitários. Quer dizer que este fragmento de história encobre as demais numa escuridão vazia de sentido. Para minha surpresa ainda existe bonde circulando em Portugal. Durante o final da tarde ligo a rádio norte-americana (pelo celular) e escuto Glenn Miller, Dave Brubeck e outros gênios

musicais. Aqui não. Jogamos no lixo radiofônico o melhor das nossas referências. Nenhum vestígio da Orquestra Tabajara, Cartola e Tom Jobim. O rádio culturalmente, em geral, não evoluiu, determina o sucesso pela vendagem, impedindo o bom gosto da hipótese de se manter presente e dominante. Desfazer orquestras, palco, apresentações ao vivo, foi o pior engano desse objeto maravilhoso chamado rádio. A alegria hedonista se estabelece sem a virtude da arte num princípio de Tesla aproveitado por Marconi.

É bobagem resumir o sucesso amplo numa linha ordinária embora lúcida. Tudo acaba por desenhar a miniatura da sociedade perdida na alienação insensível. Essa roda da fortuna cíclica combina com o massacre impiedoso da sensibilidade pela mediocridade absoluta. Sucesso então se compõe da malícia cometida contra o futuro sem referência sólida no passado. Espécie de agricultura elaborada para se tornar a grande loteria sem compromisso com a boa alimentação onde a moral responsabiliza os gordos pela fome no mundo. A rapidez como se modifica é tão grande quanto à memória de alguém com Alzheimer. Novas versões da mesmice são apresentadas como êxito, descartáveis, frágeis e profundamente decisivas. Há o desemprego da genialidade além de imenso fracasso da sociedade infantil e debilmente imitativa. O sucesso exclusivo incentiva a covardia pisoteando valores dispostos para longe dos olhos e ouvidos da grande maioria. Gera uma juventude delongada, acrílica, muda e sem graça nenhuma. É a imbecilidade imortalizada no sopro de alguns segundos. Sobre o sucesso? Restam algumas migalhas de notoriedade franca e transparente. O planeta gira da esquerda para a direita nesse café sem açúcar.

FOLHAS DE OURO NAS CALÇADAS

Grosseiramente se livraria do garoto com alguma frase clara do tipo: você está ferrado, rapaz! Em seguida depositaria outra definição fatídica: O que tem na cabeça é alienação plena, irremovível, repleta de sorvetes. Sabia que havia demorado em tirar da cabeça do filho essa associação indevida de buscar a identidade de doutor.

Para o rapaz, pássaros e borboletas nasciam em bananeiras. É complexa essa luta pelas vagas escassas. Estranha-se que a maioria impossibilitada ao acesso seja páreo para a falta de vagas. Sabia que o filho jamais lhe daria a famosa faixa exibicionista no alto da casa com os letreiros: valeu Júlio Ramón (pela faculdade de música).

Persistente ele era. O seu viver, dizia Carminha, era passear com os olhos verdes cremosos por aí. Carminha de olhos vidrados na paisagem do outono lacustre, mirando a folharada cor de ouro ao vento nas calçadas. Como se vivêssemos de uísques, mulheres felizes, lirismos e sonhos festejados.

Diante do espelho do banheiro notou que era igual ao filho, perfeitamente repetido, idêntico em seu fundo retrospectivo. No quarto leu no mural o recado para si mesmo: “Estudo para mulheres”. Jamais viveria a universidade senão como quem nunca desejara sair dela. Mesmo tendo os estudos lhe anun-

ciado futuro áureo, belo, ciclópico e retumbante; a realidade desenhava o fracasso econômico do investimento. Do ponto de vista mental nem era bom falar.

Desejava dar conversa a tal questão como quem arruma as coisas para o garoto com grande perspicácia. Cessariam as reprovações. Hora de ganhar o seu fantástico porsche. Deixe que o garoto estacione se precisar longe das aulas. Que viva o hedonista honesto de seus ciclos de moço! Moço capitalizado deve ter a própria universidade na alma. Sorriu. Primeiro vem a bicicleta, depois a motocicleta, logo o carro e mais tarde os transportes aéreos. Amanhã sobrevoará o espaço sideral. Arrumou a gravata borboleta. Teria todo o tempo do mundo para se tornar autodidata. Com ele sucedera o mesmo. Perdida criatura do seu sangue.

Estava preparado para suprir essa derrota. Sabia que o reprovaria na temática sobre Homero. Nota zero desenhada no contorno de um copo. Será desaprovado porque voltará censurado para casa, arrastando-se de bêbado. Tombado, mas feliz! Nada mais franco para um pai do que chamar o filho para ter com ele aquela diletta conversa: você tem poucos pendoros para academismos, bibliografias, regras, ementas. Ele riria. Enterraria as mãos nos bolsos, admiraria o velho pai, naquele todo de faisão para completar gaiato: estou mais interessado em filatelia.

Era o seu projeto de pesquisa e descobriu numa pequena estampa de selo ordinário que Pedro I era alegre e pândego. Havia nesta atmosfera caseira o tom feliz das ocorrências resolvidas, perfumadas de café. Alacridade que nunca se aprende na escola, e que se leva de casa para o turismo existencial. Alívio completo: podes rodar muito. Nunca perca tempo para a angústia. Tens apólices em seu nome para cada prova desgraçada, portanto, se livre de qualquer resíduo de culpa.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em agosto de 2020.
